

Somente tu (*se penso*), ó ideal, és verdadeiro

Na simplicidade do meu coração, alegre Te ofereci tudo

Na noite do dia 26 de maio faleceu Enzo Piccinini, médico-cirurgião e um dos responsáveis pelo Movimento de Comunhão e Libertação, vítima de um gravíssimo acidente de carro. Em 5 de junho completaria 48 anos. Deixa a mulher Fiorisa e quatro admiráveis filhos: Chiara, Maria, Pietro e Annarita.

No dia 12 de dezembro de 1998, Enzo havia falado na presença de oito mil estudantes universitários de CL, durante os Exercícios Espirituais em Rimini, Itália. Apresentamos nestas páginas a transcrição desse testemunho, que padre Giussani — em mensagem enviada a todas as comunidades de CL na Itália e no mundo assim que tomou conhecimento da notícia da morte de Enzo (cf. Litterae n° 69, mai./jun. 99, p. 6) — ilumina com a clareza solar de quem sempre reconhece o rosto bom do Mistério que faz todas as coisas, a todos indicando-o como luz no caminho.

Non nobis Domine, sed nomini Tuo da gloria.

Obrigado, Enzo.

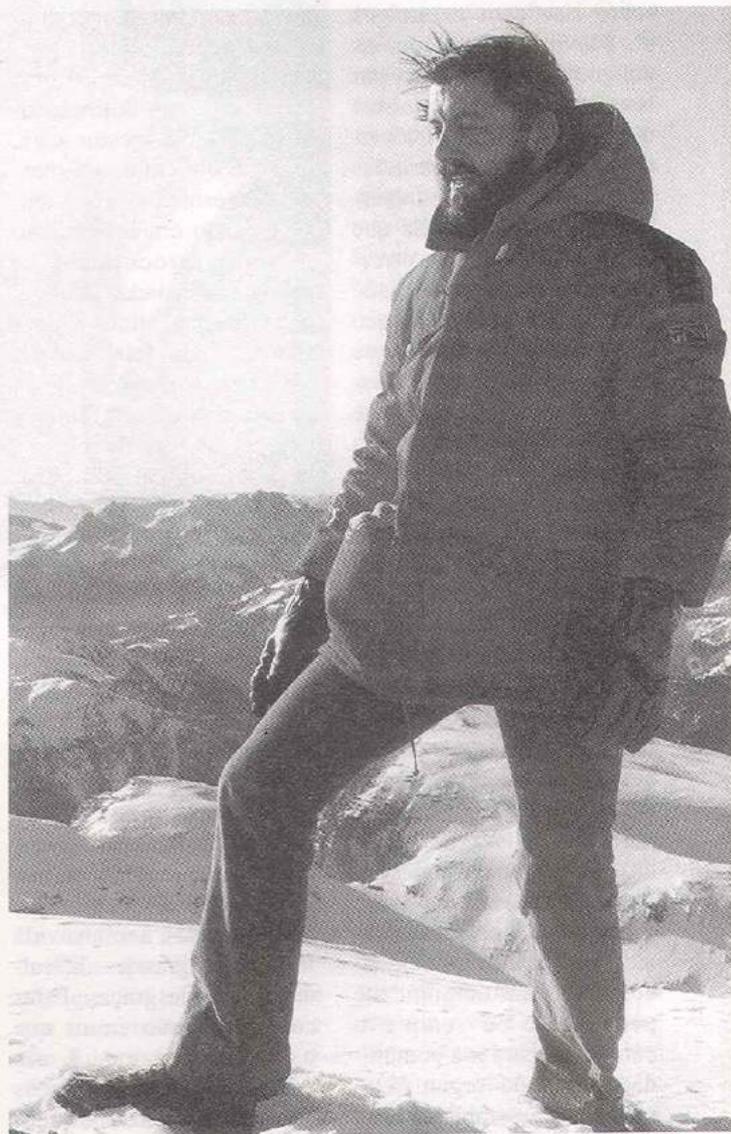
Sou médico-cirurgião na Universidade de Bolonha.

Sempre que me pedem para falar da minha experiência, a primeira sensação que tenho é a de esquivar-me, porque, não sei o que vocês acham disso, é difícil falar em público sem banalizar as coisas que mais amamos. E esta vida é absolutamente o que eu mais amo.

Por isso sinto uma espécie de temor, de pudor, porque o Movimento, para mim, literalmente foi, e é, a

minha salvação. Eu não sei onde estaria sem o Movimento. Sobretudo se penso em alguns anos atrás, eu chamaria de louco a qualquer um que me dissesse que eu estaria aqui para dizer-lhes as coisas que direi, seria absurdo somente pensar nisso, porque foi algo que entrou bem devagar e inesperadamente me mudou.

Outra coisa, ainda antes, é que, justamente por isso que eu lhes disse, está bem claro para mim que tudo aquilo que sou eu recebi,



me foi dado; por isso trata-se de uma gratidão da qual não posso fugir: quando os amigos me pedem um sacrifício pelo Movimento, faço-o com prazer.

Quando comecei minha carreira universitária (a minha profissão, digamos assim, porque ainda não estava claro), tinha terminado a faculdade de Medicina e precisava buscar um ponto de referência para prosseguir profissionalmente, um mestre. Eu estava interessado em cirurgia, mas não tinha ainda conversado sobre isso com os amigos do Movimento ou com os amigos mais próximos; por isso fiz a coisa mais normal do mundo: entrei em contato com todos os cirurgiões que trabalhavam na universidade e escolhi aquele que de imediato mais me correspondia. Escolhi aquele que eu percebia ser aquilo que dizia: era um homem que era o que dizia, e me interessava algo assim; ele me impressionou muito por essa sua postura inteira, humanamente inteira. Desse modo, eu o segui, mas da maneira como normalmente segue um rapaz daquela idade (penso em vocês); eu era muito afeiçoado a ele, olhava para a maneira como se movia, o que fazia, como repetia as coisas, na sala de cirurgia eu prestava atenção até nos mínimos detalhes, nos movimentos, etc.; lembro-me de que ele tinha um tique que eu também peguei.

Naquela época não éramos uma grande comunidade, mas uma comunidade pequena, e eu sempre o convidava para ir à comunidade; quando organizávamos uma assembléia, eu o

convidava, achando que ele nunca iria, mas eu o convidava assim mesmo... eu gostaria que ele fosse. Então um dia eu o encontrei numa assembléia. Ora, imaginem o temor e o tremor que eu sentia: era um respeito e uma veneração, como alguém diante de um mestre que estima muito. Vi-me naquela situação, vocês podem imaginar. Éramos no máximo 30-40, todos jovens, e aquele homem careca que se destacava, com uma cara de suíço: era uma característica que ele nunca perdeu. Vocês nunca viram o telejornal suíço? Falam de uma festa ou de um desmoronamento com a mesma cara, igual. E ele era assim mesmo. Eu estava ali todo tenso, falando em um italiano perfeito, procurando as palavras adequadas, nenhum palavirão, e mantinha o olhar sempre fixo nele. Eu me entusiasmava, e ele "suíço"; eu continuava, e ele "suíço". Chego ao final, ele se levanta e vai embora: sempre com a mesma expressão. Dou os avisos rapidamente, paro-o na porta e, com um estado de ânimo que vocês podem imaginar, lhe digo: "Professor, como foi?". Ele me olha (suíço) e diz: "Piccinini, estas coisas são coisas para jovens: são bonitas, são verdadeiras, mas são para jovens! Vão bem para vocês, para você, porque você não sabe o que é a vida. Eu tive muitas tarefas, a minha vida foi difícil, grandes dificuldades, até desgraças. Estas coisas aqui são coisas que os jovens fazem, é um entusiasmo que os jovens têm". Bem, rapazes, desmo-

ronou um mito e desapareceu o meu tique. Porque a consciência clara que me veio é de que uma coisa é reconhecida como verdadeira porque corresponde e permanece assim para sempre, mesmo porque aquilo que reconhece o verdadeiro é como um detector, algo que temos dentro e que nos caracteriza, e é esta exigência — que hoje também foi dita — de verdade, de beleza, de justiça, de amor e de ser amado, que chamamos coração. Isto é estrutural e não pode ser posto entre parênteses porque a situação é difícil ou porque as coisas não correspondem ou porque existe a velhice. É estrutural e é o ponto que nos caracteriza e que nos faz reconhecer as coisas verdadeiras que permanecem para sempre, e não é um problema de idade, e não é um problema de circunstâncias.

A partir daquele momento eu compreendi que o problema era um só: que a unidade da minha pessoa (porque era isso que estava em jogo, também no que toca às observações do professor), a unidade da minha pessoa era caracterizada por aquele fator que eu tinha dentro de mim e que me acompanhava como me tinha acompanhado desde pequeno, quando comecei a jogar bola, até a universidade, até agora. Era algo que me caracterizava: uma exigência de felicidade que nada teria podido cancelar, que de algum modo viria à tona, sempre, caso contrário teria se transformado em uma amargura. Eu tinha

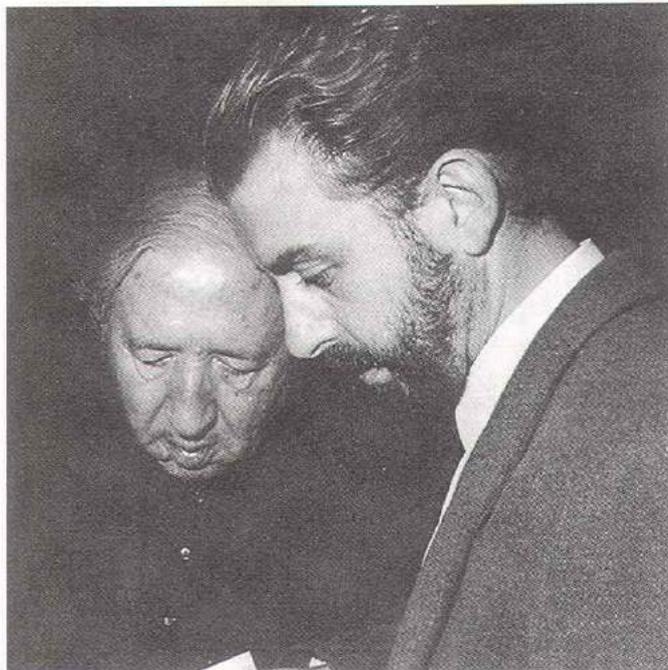
compreendido isso, e compreendi desde então que a unidade da pessoa começa pelo fato de que uma pessoa coloca o coração naquilo que faz, e isto — acreditem em mim — vale para alguém que como eu tem de lidar com situações dramáticas (que depois vou contar), mas vale também para quem está diante de um computador, como para aquela pessoa que vai fazer compras, como para aquela pessoa que limpa as escadas: é igual. Colocar o coração naquilo que se faz significa colocar a si mesmo, e colocar o coração significa apostar naquela exigência de felicidade que é indomável, porque faz parte da nossa estrutura.

Mas a vida em pouco tempo se complicou e eu também fiz a experiência, como o professor fez, das situações que ele descrevia. Então eu tive de mudar de cidade, mudei de situação: fui para uma Divisão Cirúrgica maior, onde eu era considerado um intruso, e por isso evidentemente, imediatamente, *mors tua vita mea*, um erro era motivo de festa para os outros, eu era submetido todos os dias a um controle e a uma tensão que eram impressionantes. Além disso, a minha família tinha aumentado: nesse meio tempo, rindo e brincando, tinha tido quatro filhos. E era um problema sério, porque eu não tinha dinheiro, e os meus parentes continuavam tendo de me dar dinheiro. Era um pouco humilhante. Depois, enfim, eu lhes disse isso, e então algumas vezes me davam queijo ou alguma

roupa, para demonstrar que não me davam dinheiro. E ainda tinha o empenho com o Movimento. Eu me tornei, *tout court*, responsável da maior comunidade do CLU na Itália, em Bolonha, e portanto tinha um amontoado de questões para ver. E ali eu compreendi que, de novo, a unidade da pessoa não podia ser um equilíbrio procurado entre as atividades, entre as questões, dentre as coisas a serem feitas, porque isso não podia existir, ainda mais porque não se consegue. O tempo, a disponibilidade, o trabalho, a família: não podia ser assim, porque colocar o coração naquilo que se faz não podia ser buscar a harmonia de interesses contrários. Não podia ser: era uma totalidade, uma totalidade mesmo dentro das circunstâncias que eu não conseguia equilibrar imediatamente ou não podia agrupar.

Assim eu compreendi que se pode colocar o coração naquilo que se faz somente estando diante de algo maior que a si mesmo. Deve existir algo maior que a si mesmo: aquilo que na Escola de Comunidade chamamos destino. Isto podia ajudar-me a colocar o coração em qualquer situação: algo maior que a mim mesmo, maior que as minhas capacidades. Cada passo da vida (ficar com a família ao invés de ir fazer uma assembléia com os universitários, ou ir para o hospital de manhã) é um caminho em direção ao destino, sempre, cada passo é isso, é a resposta ao destino, é o empenho com o destino.

Mas isso não basta: nem mesmo assim as coisas se sustentam. E eu teria de compreender isso em seguida. Porque nesse meio tempo aumentou o meu empenho universitário, e também a minha capacidade profissional tinha tido um incremento, e por isso eu começava a me tornar um ponto de referência nesse meio, brando ainda, mas em síntese começava a ser assim. E por isso começavam a



Padre Giussani e Enzo

chegar para mim casos complicados ou particulares, e eu começava a sentir na minha pele se as coisas iam bem ou se iam mal, nem tudo dava certo.

Aconteceu então, lembro-me ainda, justamente com o pai de alguns de nós, que, depois de sofrer uma cirurgia, começou a ter complicações; eu o operei novamente, fomos caminhando

assim por quase um ano, depois ele morreu. E isso nunca me deixou tranquilo, nunca. Então um dia — estávamos em um dos primeiros Encontros de Responsáveis de Milão, éramos ainda poucoíssimos com Giussani — saí do Encontro de Responsáveis, estava no corredor, Giussani se aproxima e diz: “Como vai?”. Eu digo: “É, mais ou menos”. Ele pára: “Como, mais ou menos? O que é que há?”. Digo:

“Nada, são besteiras. Depois daquilo que falamos há pouco no encontro, estas coisas são besteiras. Vamos, não importa”. Ele parou bruscamente, estava cansadíssimo, parou bruscamente (no corredor, gente!, as pessoas passando): “Desculpe-me, Enzo, mas, com todas as besteiras que dizemos entre nós, quando tem uma coisa que importa realmente nós não falamos?”. Eu paro e digo: “Desculpe-me, olhe, eu não queria, mas me acon-

teceu uma coisa e eu me sinto um pouco culpado, enfim, não consigo mais dormir. Quer dizer, durmo uma hora, depois essa coisa me volta à mente. Minha mulher também está preocupada, porque depois que durmo uma hora me levanto, e isso já faz algum tempo”. Ele me olha e me dá uma resposta que era absolutamente a mais impensável, eu não podia nem mesmo imaginá-la. Olha para mim e diz: “Mas Enzo, justamente você”, e com uma cara de desilusão: “Justamente você se comporta como se Cristo não existisse?! É como se tudo dependesse das suas mãos: mas como você acha que pode continuar assim? Você nunca mais fará nada daquilo que faz, você vai fazer como todos: procurar aquilo que menos pode feri-lo, que o deixa no seu lugar. Você nunca mais vai arriscar”. Depois diz: “De qualquer forma, em todo caso, eu gostaria de falar sobre isso novamente. Você pode me encontrar assim que puder?”. Imaginem! Fui encontrá-lo dois dias depois. Então almoçamos juntos e ele diz: “Então, conta de novo”. Assim, falei sobre o caso, mas lhe disse: “Escute, Giussani, eu não quero roubar o seu tempo, porque agora compreendi. Olhe, no hospital tem uma capelinha e agora, antes de entrar na sala de cirurgia, eu vou lá e digo uma oração e as coisas retomam o seu lugar. Fico mais tranquilo”. Ele dispara: “Enzo, mas que rezar e rezar! O problema não é rezar, é que você não sabe oferecer. O seu problema é que você não sabe oferecer, e oferecer significa que a

realidade não é algo que você tem nas mãos, não é sua, e que tudo aquilo que você faz é como se tivesse no meio um pedido de que o Senhor, dono dessa realidade, se revele, porque é assim que se vive, e você, olhe — já lhe disse, mas vou lhe dizer uma outra vez —, vai parar de fazer aquilo que você faz e vai ter medo de arriscar”. E de fato era verdade, era impressionantemente verdadeiro: fazia dois meses que eu dizia aos meus dois maiores assistentes: “Pessoal, chega de fazer essas cirurgias: não precisamos de problemas, eu preciso fazer carreira, quanto menos problemas tiver, melhor”. Depois, continuando na discussão, Giussani me diz: “Mas você sabe o que quer dizer oferecer, reconhecer que a realidade não é sua, que você não a fez, que você não é dono das coisas? Quer dizer que você está diante da realidade com uma pobreza que é o modo mais verdadeiro, mais autêntico para estarmos diante das coisas: assim você é seriamente mais realista, leva em consideração as coisas, você se dá conta do limite que tem, se você não sabe você perguntará e perguntará de novo, e não precisará defender a sua imagem, a sua posição”.

Enfim, eu já lhes disse, colocar o coração naquilo que se faz é possível diante de qualquer coisa, quando existe algo maior que você, mas esse algo-maior-que-você tem de estar presente. Presente, isto é, algo ao qual você possa dizer: “Ei-lo, está aqui”, ou seja, algo que você reconhece, ao qual você responde por aquilo

que faz. E responder por aquilo que se faz a alguém ou a algo é o modo pelo qual a realidade se torna dramaticamente presente, do contrário existe somente aquilo que você pensa, que você sente, que você aceita, que você não aceita, e você elimina as coisas que não aceita e não sente, mas aquilo que você não sente existe, e aquilo que não lhe vai bem também existe.

Mas a questão não estava resolvida ainda: é isso que ultimamente está ainda mais claro. Não tinha acabado ainda, porque dali a algum tempo aconteceu um episódio que me esclareceu o ponto final da questão, e foi que uma pessoa do Movimento a quem eu era muito afeiçoado (este é um episódio difícil de ser esquecido por mim) tinha sido operada em uma outra divisão e tinha tido complicações. Giussani, num domingo de manhã, me telefona e diz: “Você acha que pode cuidar dela?”. Naquela divisão estavam também os meus chefes de orientação cirúrgica, por isso era um belo problema, ainda mais porque eu estava prestando concurso. Então eu não disse isso a Giussani, mas lhe respondi: “Bem, se é necessário, eu faço”. A gente faz. Vou e, depois de um pouco, para resumir, ele me pergunta: “Você acha que pode levá-la a Bolonha, para perto de você?”. E lhe digo: “Puxa, é uma bela empreitada”, mesmo porque em todas as conversas de que eu participava, os cirurgiões, que eu conhecia muito bem, já haviam

me dito: “Olhe, não mexa com ela, não faça isso, porque nós já fizemos uma cirurgia: não é operável. Não faça isso, senão ela morre, entendeu? Continue com o tratamento, você pode até cuidar dela [aliás, estavam quase contentes de entregá-la a mim], mas não toque nela, porque ela pode morrer, entendeu? Continue com a terapia enquanto for possível e espere que se resolva por si”. Assim, eu comecei a cuidar dela e fiz literalmente o que me disseram, procurando de todos os modos compreender se havia uma margem para continuar o tratamento sem me empenhar com uma coisa que haviam me dito explicitamente que não era possível. E já que aqueles médicos não eram recém-formados, o que eles diziam era verdade. Empehei-me seriamente para entender que margem de espera tinha, mas todos os resultados dos exames me mostravam que não era possível ter esperanças. Assim, a certa altura, eu tinha de me mexer, eu tinha de fazê-lo. Tinha de fazê-lo: os diagnósticos não me permitiam fazer escolhas, eu não podia vacilar. Na véspera do dia em que decidi fazer a operação, telefonei para Giussani. Porque, eis aquilo que eu queria dizer: não basta dizer que é preciso que algo maior esteja presente; não se consegue colocar o coração naquilo que se faz, não se resiste, porque depois de um pouco a realidade é dura e o coração cede e depois de um pouco começa de novo o lamento ou começa a auto-defesa: é preciso não estar sozinho. É preciso não estar sozinho. Assim, peguei o

telefone e procurei Giussani. Tive a sorte de encontrá-lo e lhe disse: “Desculpe, Giussani, se lhe telefono assim à noite. Não lhe peço que resolva os detalhes técnicos ou que me diga o que devo fazer, porque os resultados me levam até lá. Mas, se eu não tivesse encontrado você, teria de procurar uma outra pessoa, pois não sei se é certo ou errado, mas preciso de um ponto de comparação, de uma ajuda, de um conforto. De um conforto, mesmo simplesmente de um conforto, porque estou com medo, não estou tranqüilo”. Ele me disse: “Você não está errado, é muito justo. Porque toda a certeza científica não pode lhe dar a segurança para tentar, como não pode lhe dar segurança na vida. É necessária a memória de um relacionamento vivo com você, caso contrário não se consegue ir além das medidas, daquilo que você já faz”. Depois ele disse: “Escute, os dados dizem isto: diante de Deus, é preciso continuar tentando. Diante dos homens, eu não sei, mas isso não importa: diante de Deus é preciso continuar tentando!”. Isso é extraordinário! Pessoal, isso é extraordinário, porque é uma certeza devida ao fato de que os dados são as circunstâncias, vocês entendem? Não existe somente o fato das quatro radiografias: são as circunstâncias às quais você tem de responder, com as quais você se olha, porque aquilo é o rosto com o qual Deus se apresenta na sua vida. E, assim, eu a operei. Foi uma operação incrível (me lembro ainda quantas horas). Depois deixei que se

passassem alguns dias, porque não sabia o que iria acontecer. No terceiro ou quarto dia entendi que as coisas estavam indo bem, e então telefonei novamente a Giussani: "Giussani, inesperadamente ela está reagindo bem". Silêncio. Depois ele diz: "Desculpe, mas você tinha dúvidas?". "Se eu tinha dúvidas? Eu estava cheio de dúvidas: estava cheio delas até agora: havia um caos, perdi alguns quilos". E ele diz: "Olha, eu havia lhe dito..." Tinha sido belíssimo quando ele havia me dito: "Olhe, nós rezamos a Deus e a São Ricardo Pampuri, e você vai". E no final me disse: "Obrigado por ter sido instrumento de um milagre". Então, vejam, esta é a postura correta na vida, porque não podia nem mesmo me vangloriar por tudo aquilo que eu tinha feito. "Instrumento de um milagre" quer dizer que eu não fiz nada. Se esta é a posição na vida, desculpem, mas que medo pode ainda haver? O que é que pode nos deter?

A última observação sobre a minha profissão (uma breve observação). Justamente há dois ou três meses, me aconteceu um fato grave, e eu disse a Giussani: "Eu não sei mais — às vezes me vêm dúvidas atrozes — se aquilo que eu faço e arrisco — é a última dúvida que eu tenho —, se aquilo que eu faço e arrisco é fruto do meu temperamento ou é uma obediência à realidade. Existe uma maneira para compreender isso? Às vezes me parece que arisco assim por temperamen-

to. Existe uma maneira de saber se é o meu temperamento ou é uma obediência à realidade?". "Sim, existe uma maneira, e é a oferta de que eu lhe falei, diante de algo presente, porque diante de algo presente é como se estivesse ali uma criança, está fazendo algo que não é certo, chega o pai e a criança entende o erro que está fazendo. Porque a presença coloca uma dramaticidade. Uma pessoa ou algo a que se responde a respeito daquilo que se faz coloca uma dramaticidade na vida



pela qual as coisas se tornam mais autenticamente presentes. Indo trabalhar assim, você pode estar cansadíssimo, pode ter toda a consciência perturbada, mas levanta a cabeça e responde à altura. Além do mais, porque você tem medo do seu temperamento? [olhem, isso foi uma libertação] Por que você tem medo do seu temperamento? Se Deus fez você assim, você deve servi-lo com aquilo que você é! Por que você tem de ter medo do seu tempera-

mento?". Foi uma libertação, porque eu pensava sempre como sou instintivo e violento.

Se este é um aspecto importante da minha questão profissional, o outro aspecto da minha vida que é inesquecível é aquilo que eu entendi sobre o que quer dizer querer bem. Estávamos no mesmo carro (eu acompanhava Giussani de Cesena a Bolonha) e conversávamos (eu frequente-

sas que me interessam relativamente: sou eu que sei aquilo que sinto como verdade à qual não posso fugir. Só que depois de um pouco de tempo essas coisas penetram na gente e portanto comecei a me perguntar: "Mas que vida eu levo?". Então eu disse: "Giussani, tenho uma dúvida: surgiu dentro de mim essa coisa que, de tanto escutá-la, eu também me pergunto: mas que vida eu levo? Eu quero bem à minha família ou não?". Ele diz: "Escute, você quer bem à sua família?". Eu lhe digo: "Sim". "Aos seus filhos, você quer bem?". Eu digo: "Sim". "Me dê um exemplo!". Não sei quem de vocês tenha conseguido alguma vez dar um exemplo sobre isso. Eu não sabia o que dizer. Então eu disse o que acontecia: "Olha, muitas vezes, quando eu vou para casa tarde da noite, ou por causa da minha profissão ou por causa do Movimento, e minha mulher (nessa época morávamos em uma casa pequena, agora estamos numa casa maior, mas vazia, porque os filhos estão todos fora) deixa entreabertas as portas dos quartos para escutar se as crianças choram, se acordam, eu chego e só posso acender as luzes da entrada, porque se acendo as outras os filhos acordam e é uma reclamação, porque minha mulher sobre estas coisas... Acendo a luz da entrada, vou entrando devagarinho, tiro a roupa no corredor sem fazer barulho; das portas semi-fechadas filtra a luz que ilumina as caminhas nas quais estão os fi-

lhos. É difícil descrever, mas eu sou tomado por uma ternura infinita ao vê-los dormindo. Então eu, furtivamente, entro no quarto, pego algum deles, e algumas vezes eles acordam: "Papai". "Psiu! Se não a mamãe...". Abraço-o um pouco, dou-lhe um beijo...". Depois eu disse a Giussani: "Enfim, me parece que eu lhes queira bem". E Giussani diz: "Não é assim que se quer bem. Olha, o modo verdadeiro de querer bem é que, justamente quando essa ternura é intensa, verdadeira e arrebatadora, humanamente arrebatadora, você deveria dar um passo atrás, olhar para eles e dizer: 'O que será deles?', pois querer bem é compreender que eles têm um destino, que não são seus, são seus e não são seus, que eles têm um destino e que é justamente olhando para a dramaticidade que o destino impõe no relacionamento e nas coisas, no futuro e no presente, que você vai respeitá-los, vai querer bem a eles, vai estar disposto a fazer tudo por eles, não vai cobrar se eles o obedecem ou não".

Era uma coisa nova, que compreendo que é verdadeira sempre. Pensem em quando um homem e uma mulher se querem bem: se não há este juízo, são como os animais, não há nenhuma diferença; o que há de diferente? É impressionante, porque aquilo sempre me iluminou. Lembro-me de um encontro em Chieti com Giussani, quando ele

introduziu com muita autoridade pela primeira vez a questão do "tu". Do "Tu", pelo qual o outro é um "tu"; este Mistério que o faz consistir é um "Tu", é algo com o qual você olha, e nasce inesperadamente em você um respeito, antes desconhecido, mas cheio de intensidade.

Bem, acrescento um pormenor. Os meus filhos cresceram, foram todos embora: uma foi morar na China, que, entre outras coisas, é o lugar mais feio do mundo (peço desculpas aos chineses presentes, mas isso eles também já sabem!). De qualquer forma, isso é verdade! Ir para a China é como de uma só tacada retroceder em dois mil anos. De fato, eu nunca compreendi por que todos os meus colegas têm esse amor pelo Oriente. Um outro filho, que eu acho que deveria ser médico, foi estudar Ciência da Comunicação em Lugano: entre os suíços de quem falei antes. Mas eu disse aquilo porque aqui não tem nenhum suíço. Algumas vezes conseguimos estar todos juntos, mas isso é raro. Assim, eu almoçava com eles um dia e tinha esta coisa que eu pensava havia algum tempo, e perguntei: "Desculpem, por que vocês são do Movimento? É estranho, eu nunca falei sobre isso com vocês". É verdade, eu nunca tinha colocado o problema do Movimento em casa: tínhamos vivido assim, eu tinha vivido segundo aquilo que no fundo começava a ligar-me à minha mulher e a tudo. Então, depois de um pouco, a mais velha me respondeu, e disse: "Sabe por que nós somos do Movimento?"

Primeiro, porque sempre fomos tocados pela totalidade da sua dedicação ao Movimento [que estranho: era exatamente o fator pelo qual eu era menos presente em casa, e foi a coisa que mais os tocou. Foi ali que eu entendi que é inútil harmonizar interesses contrários: o gosto da vida, a beleza da vida é proporcional ao empenho com o ideal! O que vocês querem calcular ainda? Aos vinte anos, então, imaginem], e, depois, a outra coisa que sempre nos tocou é que quando você levava os seus amigos em casa e víamos vocês juntos, era um tipo de amizade que sempre desejamos para nós também".

Pessoal, este é o ponto, porque a autoridade da nossa vida é uma amizade, e é uma amizade que choca porque é uma amizade que é impossível sem aquilo que nos dizemos e que dissemos hoje, e é um tipo de amizade que transparece em uma modalidade de relacionamento, de dedicação, de totalidade, de intensidade, de serviço mútuo. Mas onde encontro esse relacionamento? Mas onde isso é possível? Cristo está presente de fato em uma amizade na qual a única razão é Ele. E é isso o que convence a todos: eu fui convencido por isso. Em síntese, eu entendo que aqui se joga tudo, neste nível se joga tudo.

Então, desculpem-me, eu concluo. Duas coisas na minha vida são importantes. A primeira é esta: que exatamente por aquilo que eu lhes disse, o gosto da

vida não é negado a quem erra, mas é negado a quem não tem o sentido do infinito, do destino, do ideal, do Mistério presente, porque então o problema não é errar ou não errar. O gosto da vida não é negado a quem erra: é negado a quem não tem um nexos com o Destino que faz todas as coisas, com o Mistério presente. Por isso, tudo é uma hipótese positiva, o tempo, que para todos é sinônimo de decadência, trabalha positivamente. Se olho para a minha vida, que tipo de coisas aconteceu! Eu digo sempre: se aconteceram coisas assim até agora, imaginem o que vai acontecer ainda! Veremos belas coisas. É interessante, não? É uma aventura.

E é exatamente aqui que está o problema, porque a segunda coisa é que, se eu tivesse de comparar a minha vida, tal como ela se desenvolveu (tem uma lei da física que diz que o horizonte muda mudando o ponto de observação), usaria esta metáfora: a minha vida é como um balão, quanto mais prossigo, quanto mais subo, quanto mais me comprometo, quanto mais estou dentro desta vida, mais descubro os aspectos do humano que antes eram impossíveis: a capacidade de fidelidade, de amizade, de lealdade, de retomada, de indomabilidade, que nunca tinha pensado antes. Por isso, por fim, é uma gratidão. Como comecei, assim quero acabar: é uma gratidão que caracteriza a minha vida, por isso não tenho medo de entregá-la totalmente. ♦